

ECO E NARCISO

leituras de um mito

AUTORES E TEXTOS DA ANTIGUIDADE

seguidos de uma

Antologia de Autores Portugueses
ou de Língua Portuguesa

Organização de
Abel N. Pena

*Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Investigador do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa*

Cotovia
Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

Este livro é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ELT/00019/2013.

Título: *Eco e Narciso, leituras de um mito*

© Dos Autores e de Edições Cotovia, Lda. Lisboa 2017
© Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 2017

Todos os direitos reservados.

ISBN 978-972-795-382-0
ISBN 978-972-9376-45-0

Índice

Préfacio de Abel N. Pena	p. 9
Introdução de Nereida Villagra	15

TEXTOS E FONTES DA ANTIGUIDADE

Cónon, <i>Diegeseis</i> 24, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	35
Papiro Oxirrincó (<i>P. Oxy.</i>) 69.4711, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	36
Filóstrato, o Velho: Narciso, <i>Imagens</i> 1, 23, trad. do grego de Eduardo Ganilho	38
Calístrato, o Sofista: À estátua de Narciso, <i>Descrições</i> 5, trad. do grego de Eduardo Ganilho	41
Pausânias, <i>Descrição da Grécia</i> 9.31.7-9, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	43
Longo, <i>Dáfnis e Cloe</i> 3.22-23, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	45
Severo de Alexandria, <i>Narciso</i> , trad. do grego de Nereida Villagra	47
Nono de Panópolis, <i>Dionisiacas</i> 48.570-589, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	48
<i>Antologia Palatina</i> 11.76, trad. do grego de Nereida Villagra	50
<i>Antologia Palatina</i> 9.27, trad. do grego de Rui Carlos Fonseca	51
Ovídio, <i>Metamorfoses</i> 3.339-510, trad. do latim de Paulo Farmhouse Alberto	52
<i>Primeiro Mitógrafo do Vaticano</i> II. 83, trad. do latim de Maria Luísa Resende	58

ANTOLOGIA DE AUTORES PORTUGUESES OU DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. Do Renascimento ao Barroco. *Seleção e organização de Ana Filipa Gomes Ferreira*

<i>Cancioneiro Geral</i> de Garcia de Resende	63
Luís Vaz de Camões	66

Diogo Bernardes	73
Gregório Silvestre	75
Jerónimo Corte Real	78
Pedro de Andrade Caminha	79
Manuel de Faria e Sousa	80
D. Francisco de Portugal	85
Vasco Mousinho de Quevedo e Castelo Branco	86
Manuel da Veiga Tagarro	87
Jacinto Freire de Andrade	89
Francisco de Vasconcelos Coutinho	93
Bibliografia activa	94

2. Do século XVIII ao século XXI.

Seleção e organização de Ricardo Nobre

Soror Maria do Céu	97
Manuel Maria Barbosa du Bocage	98
António Feliciano de Castilho	99
António do C. Ferreira de Simas	113
Luís de Montalvor	115
José Régio	120
Fernando Pessoa	121
Eugénio de Andrade	123
Irene Lisboa	126
Sebastião da Gama	129
Alberto de Lacerda	130
Sophia de Mello Breyner Andresen	131
Miguel Torga	132
José Gomes Ferreira	134
João Maia	135
Fernando Guimarães	136
David Mourão-Ferreira	137
Jorge de Sena	138
Ruy Cinatti	139
Nuno Júdice	140
Ricardo Marques	142

Jordi Pàmias, <i>Narcís i l'altre</i> , selecção e tradução de Nereida Villagra	143
---	-----

BIBLIOGRAFIA	149
--------------	-----

Cónon

(séc. I a.C.)

Diegeseis 24

Tradução de RUI CARLOS FONSECA

Em Téspias da Beócia (a cidade não se situa longe do Hélicon), nasceu Narciso, um moço muito belo mas desdenhoso de Eros e dos jovens apaixonados. Por isso, os demais dos jovens apaixonados desistiram de o querer namorar, mas Amínias era bastante perseverante e insistente. Quando porém Narciso não o admitiu à sua presença e lhe enviou antes uma espada, Amínias suicidou-se diante das portas da casa de Narciso, não sem antes suplicar que a divindade se tornasse o seu vingador. Ora, quando Narciso viu a sua própria figura e a sua forma espelhadas na água da fonte, ele tornou-se o primeiro e o atípico enamorado de si mesmo. Por fim, sem forças para continuar a viver em tormento, matou-se, acreditando estar a sofrer a justiça do seu comportamento desdenhoso para com as investidas amorosas de Amínias. A partir de então, os Téspios decidiram reforçar as honras e a veneração a Eros, realizando sacrifícios privados em sua homenagem, juntamente com as celebrações públicas. Os nativos acreditam que a flor de narciso germinou pela primeira vez dessa porção de terra por onde se derramou o sangue de Narciso.

EDIÇÃO

BROWN, M. K. (2002), *The Narratives of Konon. Text, Translation and Commentary on the Diegeseis*, München.